

## **(In)dizibilidades Midiáticas: Gênero e Sexualidade no *Juá Notícias*<sup>1</sup>**

Fábio Ronaldo da Silva<sup>2</sup>

Maria Eduarda Moret Araújo Moreira de Souza<sup>3</sup>  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

### **RESUMO**

O texto apresenta resultado parcial da pesquisa “Observatório de Mídias, gênero e diversidade sexual em Juazeiro (BA)”, desenvolvida com apoio do PICIN/UNEB. É feita a análise de 114 notícias publicadas no Instagram do perfil jornalístico *Juá Notícias*, entre janeiro e agosto de 2024. A pesquisa adota abordagem qualitativa e quantitativa, com análise de conteúdo categorial (Sampaio; Lycarião, 2021). As notícias foram categorizadas em editoriais e padrões discursivos. Observou-se recorrência de coberturas sobre violência de gênero, com pouca problematização estrutural e a quase inexistência de notícias sobre LGBTQIA+.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; gênero; diversidade sexual; narrativas digitais; dizibilidade.

### **INTRODUÇÃO**

Desde as últimas décadas do século XX, a abordagem midiática de gênero e diversidade sexual tem sido um tema importante nos estudos de comunicação, especialmente no contexto brasileiro, onde a violência contra a população LGBTQIA+ persiste de forma alarmante. De acordo com o relatório anual produzido pelo Observatório do Grupo Gay da Bahia (GGB)<sup>4</sup>, em 2024 foram registradas 291 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, transexuais, Queer, Intersex, Agênero e mais), um aumento de 8% em relação ao ano anterior. No Nordeste, a Bahia se destacou com 31 ocorrências, sendo o estado da região mais perigoso para sexualidades dissidentes, evidenciando a necessidade de uma cobertura midiática mais sensível e inclusiva.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Jornalismo em Multimeios - UNEB, email: [fabiosilva@uneb.br](mailto:fabiosilva@uneb.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios - UNEB, email: [dudalol555@gmail.com](mailto:dudalol555@gmail.com)

<sup>4</sup> <https://grupogaydabahia.com.br/observatorio-da-violencia/> Acesso em 10 fev. 2025.

Além disso, a violência contra a mulher no Brasil segue sendo um problema grave e persistente. De acordo com o Atlas da Violência de 2024, as cinco cidades mais violentas do Brasil estão na Bahia, sendo a cidade de Juazeiro a quinta mais violenta, com a taxa de homicídios de 72,3 por 100 mil habitantes. Os dados são referentes a 2022 e foram divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

A mídia, muitas vezes, trata esses crimes como um fenômeno isolado ou marginal, sem fazer a devida relação com a cultura de intolerância e a normatividade sexual que permeiam boa parte da sociedade. A invisibilidade de certos grupos e a falta de representatividade positiva nos meios de comunicação agravam esse quadro, criando um ambiente onde a violência contra essas pessoas é, de certa forma, tolerada ou até normalizada.

Ao investigar as narrativas construídas pelo *Juá Notícias*, buscamos compreender como a mídia local retrata as questões de diversidade e gênero e se contribui para a ampliação do debate público ou para a perpetuação de discursos excludentes. Dessa forma, o estudo se insere na interseção entre jornalismo, plataformas digitais representações de gênero e diversidade sexual, enfatizando a importância de uma cobertura jornalística comprometida com os direitos humanos e a equidade social.

Dessa maneira, este estudo propõe uma análise das matérias publicadas entre janeiro e agosto de 2024, buscando identificar os discursos predominantes sobre gênero e diversidade sexual. A pesquisa parte da hipótese de que as representações presentes na cobertura jornalística desse veículo regional reproduzem estereótipos e conferem baixa visibilidade à diversidade sexual e de gênero.

A escolha do *Juá Notícias* se deve ao seu papel como fonte de informação para uma ampla parcela da população local, influenciando percepções e construções discursivas na região. Até o período em que esteve em atividade, o perfil contava com 10,3 mil seguidores. Para além disso, a escolha do perfil se dá também para incluir e observar a maneira como um perfil contra-hegemônico da região reproduz matérias que envolvem gênero e sexualidade.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa adota a Análise de Conteúdo Categorical, conforme proposta por Sampaio e Lycarion (2021), como principal metodologia para examinar as notícias

publicadas pelo *Juá Notícias* no Instagram. Essa abordagem permite identificar padrões discursivos, enquadramentos midiáticos e representações sobre gênero e diversidade sexual no conteúdo noticioso.

A análise de conteúdo categorial é um método qualitativo e quantitativo que consiste em segmentar, categorizar e interpretar os elementos textuais de um conjunto de dados. Diferente de abordagens puramente descritivas, esse método busca compreender os significados implícitos e explícitos das mensagens midiáticas, considerando o contexto sociocultural e ideológico em que foram produzidas.

A metodologia foi aplicada em quatro etapas principais:

1. **Definição das Unidades de Análise:** Inicialmente, foram selecionadas as 114 notícias publicadas entre janeiro e agosto de 2024 no perfil *Juá Notícias* e que tinham como as categorias “mulher” e diversidade sexual” como elementos principais. O recorte temporal foi definido com base na duração da atividade do perfil no Instagram.
2. **Categorização:** Após a leitura exploratória das notícias, foram criadas categorias temáticas que organizaram os conteúdos em grupos analíticos. Foram estabelecidas sete categorias principais: (1) Cidade (26 notícias), (2) Violência e Segurança Pública (31 notícias), (3) Educação (10 notícias), (4) Política (20 notícias), (5) Cultura (5 notícias), (6) Saúde (20 notícias), (7) Esportes (2 notícias).
3. **Codificação:** Cada notícia foi classificada dentro das categorias estabelecidas, permitindo uma organização sistemática dos dados. Além da frequência das ocorrências, também foram analisados os enquadramentos narrativos adotados pelo veículo. No caso da categoria Violência e Segurança Pública, foi constatada uma recorrência de notícias sobre feminicídios e crimes contra mulheres, reforçando a centralidade da violência de gênero na cobertura jornalística local. Na categoria Cidade destacou-se por cobrir problemas de infraestrutura, como o esgoto a céu aberto e o abandono de espaços públicos. Já a categoria Educação, por sua vez, abordou dificuldades relacionadas ao transporte escolar e à gestão de escolas municipais. Em Política, nota-se um predomínio da cobertura de disputas eleitorais, sem maior reflexão sobre a influência das decisões políticas na vida cotidiana da população. Já na categoria Cultura, a cobertura é reduzida, indicando um baixo incentivo à valorização da identidade cultural local. Por fim, a categoria Saúde apresenta um alto número de

notícias sobre falta de insumos e problemas no atendimento hospitalar, reforçando uma cobertura centrada em problemas e queixas, em detrimento de informações sobre prevenção ou avanços na área.

4. **Interpretação e Discussão:** A partir dos padrões identificados, foram realizadas análises críticas sobre a abordagem midiática do *Juá Notícias*. A interpretação dos resultados considerou conceitos teóricos de representação, estereótipos midiáticos e identidade de gênero.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

A mídia não é apenas um reflexo da sociedade, mas também um agente ativo na produção e reprodução de discursos sobre gênero e diversidade sexual. Segundo Butler (2003), as identidades de gênero são performativas, ou seja, construídas por meio de repetições de atos e discursos. No jornalismo, essas construções ocorrem por meio das escolhas editoriais que determinam quais temas ganham visibilidade e como são enquadrados.

Sodré (2009) enfatiza que a mídia opera como mediadora cultural, configurando imaginários sociais e estabelecendo normas de comportamento. Já Louro (2008) discute como a educação midiática influencia a percepção das identidades de gênero, reforçando ou questionando padrões normativos. Como aponta a autora,

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado (Louro, 2008, p. 18).

Christofoletti (2014) nos lembra que o jornalismo deve ser visto como um espaço de negociação simbólica, onde identidades e discursos são constantemente moldados. A mídia não apenas informa, mas também atua como filtro ideológico, estabelecendo normas culturais. Nesse sentido, os estudos de gênero no jornalismo tornam-se importantes para avaliar como determinadas pautas são valorizadas ou marginalizadas.

A análise nos mostra que, em sua maioria, as matérias sobre gênero, com foco na categoria mulher, e diversidade sexual ainda reproduzem uma abordagem tradicional, essencialmente centrada em uma visão heteronormativa. Essa constatação reforça a ideia de que a mídia local, em muitas de suas produções, atua como uma instância de reprodução de normas sociais vigentes, moldando percepções e conceitos sobre os papéis

de gênero. As representações das mulheres, por exemplo, são frequentemente limitadas a contextos de violência ou situações de vulnerabilidade, como assistência social e saúde, algo que, vale salientar, o jornalismo contra-hegemônico tentam ir de encontro. Essa tendência reflete o que Louro (2000) aponta sobre a construção de identidades de gênero na mídia, que, muitas vezes, restringem as mulheres a papéis pré-definidos, sem permitir a diversidade de suas experiências.

Além disso, a escassa visibilidade da diversidade sexual nas reportagens analisadas sugere a continuidade de um quadro excludente e marginalizador. Na nossa cartografia, encontramos apenas uma matéria abordando questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+, que foi a notícia “Presos LGBTQIA+ agora podem escolher unidade onde cumprirão a pena, se em prisões masculinas, femininas ou específicas” e mesmo assim, o enfoque foi bastante problemático, reduzindo a população LGBTQIA+ a uma condição de vulnerabilidade, ao invés de reconhecer suas diversas identidades e contribuições para a sociedade. Esse padrão de cobertura pode ser entendido, à luz de Muniz Sodré (2009), como uma forma de controle simbólico, onde a mídia opera como um agente que perpetua visões hegemônicas, excluindo outras possibilidades de representação e interpretação.

Os casos de violência de gênero, frequentemente abordados pelo *Juá Notícias*, são um exemplo dessa dinâmica. Quando o jornalismo local cobre tais questões, muitas vezes há uma ênfase em estereótipos de vítimas e agressores que reitera visões maniqueístas sobre esses fenômenos. A abordagem sensacionalista, que explora o drama e a violência de forma espetacularizada, tende a reduzir a complexidade das situações e a reforçar uma imagem simplificada dos envolvidos. Trazemos aqui como exemplo, as seguintes manchetes que servem para demonstrar isso: “Homem é levado para delegacia após contratar profissional do sexo e não pagar pelo serviço em motel, na Bahia” ou “Jovem é morta a tiros em Juazeiro. Bombeiro militar, ex-marido da vítima, é acusado de cometer o crime”. Esta forma de cobertura não contribui para a conscientização sobre os mecanismos sociais e culturais que sustentam a violência de gênero.

Outro ponto importante observado em nossa cartografia foi a baixa presença de representações positivas e empoderadoras sobre as mulheres, principalmente as mulheres negras e as mulheres trans. A ausência dessas identidades no campo jornalístico não é uma simples omissão, mas sim uma forma de invisibilização que contribui para a

continuidade das desigualdades e da exclusão. No caso das mulheres negras, sua representação tende a estar relacionada apenas à pobreza, violência ou questões relacionadas ao trabalho doméstico, enquanto as mulheres trans são quase inexistentes nas pautas abordadas pelo portal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa sugerem que o portal *Juá Notícias*, embora tenha desempenhado um papel importante como fonte de informação na região, precisava de avanços substanciais em sua abordagem sobre gênero e diversidade sexual. Para que o jornalismo local cumpra sua função de forma crítica e inclusiva, é fundamental que seus profissionais sejam sensibilizados para a importância de uma cobertura que contemple a pluralidade das identidades de gênero e as demandas da população LGBTQIA+. Nesse sentido, a formação continuada dos jornalistas, com foco em questões de gênero e diversidade sexual, poderia ser um caminho importante para a transformação das práticas jornalísticas locais, aproximando a mídia das necessidades e dos direitos das pessoas e grupos que historicamente têm sido marginalizados.

Para um perfil jornalístico contra-hegemônico, vemos que há nele as mesmas discussões que existem na mídia hegemônica e não levantam reflexões acerca de como os assuntos abordando questões de gênero são postos em pauta nas redações jornalísticas.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHRISTOFOLETTI, R. **Ética no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2014.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições** v. 19, n. 2 (56) – mai/ago.2008. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em 16 fev. 2025.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SODRÉ, M. **A mídia e a modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.